

HEINRICH MANN

PROFESSOR  
UNRAT  
ou O FIM DE UM TIRANO

Traduzido do alemão por BRUNO C. DUARTE



# Índice

<i>Nota prévia do Tradutor</i> . . . . .	7
I . . . . .	9
II . . . . .	24
III . . . . .	37
IV . . . . .	49
V . . . . .	70
VI . . . . .	80
VII . . . . .	103
VIII . . . . .	109
IX . . . . .	116
X . . . . .	127
XI . . . . .	142
XII . . . . .	160
XIII . . . . .	176
XIV . . . . .	189
XV . . . . .	197
XVI . . . . .	205
XVII . . . . .	212
 <i>Cronologia</i> . . . . .	 229
 <i>Posfácio</i> . . . . .	 235

## I

Como se chamava Raat, toda a escola lhe chamava Unrat<sup>(1)</sup>. Nada podia ser mais simples e natural. De tempos a tempos, este e aquele professor trocavam de pseudónimo. Na sala de aula entrava uma nova leva de alunos, que, sedentos de sangue, descobriam no professor um traço cómico a que a turma do ano anterior não prestara ainda muita atenção, e, sem dó nem piedade, punham-lhe a alcunha correspondente. Mas Unrat já carregava a sua há muitas gerações, toda a cidade a conhecia, os seus colegas usavam-na fora do liceu, e até lá dentro, mal ele virava costas. Os que alugavam quartos aos alunos e acompanhavam os seus estudos falavam do «Professor Unrat» à frente dos seus hóspedes. Alguma cabeça brilhante que pensasse em olhar de outra maneira para o professor do 10.º ano, e em dar-lhe outro nome, nunca o teria conseguido; desde logo porque a alcunha habitual continuava a provocar no velho professor o mesmo efeito que há vinte e seis anos. Só precisavam de gritar uns para os outros, no pátio da escola, sempre que ele ia a passar:

— Não acham que cheira aqui a lixo?

---

<sup>(1)</sup> A palavra «Unrat» significa lixo, porcaria, sujidade, imundície, e ainda, num sentido mais pessoal e alusivo, escumalha, ralé. Este jogo de palavras será constante do princípio ao fim do romance. (N. T.)

Ou então:

— Eh lá! Aqui há lixo<sup>(2)</sup>!

E logo o velho encolhia um dos ombros, sempre o direito, para cima, e através das lentes dos óculos lançava de soslaio um olhar raivoso, que os alunos diziam ser fingido, e que era medroso e vingativo: o olhar de um tirano de consciência pesada que anda à procura de punhais nas dobras dos casacos<sup>(3)</sup>. O seu queixo espetado, com a barbicha rala, grisalha e amarelada, agitava-se para cima e para baixo. Não podia «provar» nada contra o aluno que gritara, e tinha de continuar a arrastar-se com as suas pernas magras, flectidas, escondido debaixo do seu chapéu seboso.

No ano anterior, para celebrar o seu jubileu, o liceu organizara uma procissão de velas em sua honra. Ele viera à varanda e fizera um discurso. De repente, quando todas as cabeças, inclinadas para trás, olhavam na sua direcção, fez-se ouvir uma desagradável voz esganiçada:

— Há lixo no ar!

Outras vozes tinham repetido:

— Lixo no ar! Lixo no ar!

Lá em cima, o professor começou a gaguejar, embora tivesse previsto o incidente, e, no mesmo instante, olhou para a boca aberta de cada um dos que tinham gritado. Os outros professores estavam muito perto; sentiu que, mais uma vez, não podia «provar nada»; mas fixou todos os nomes. Logo no dia seguinte, o rapaz da voz esganiçada, ao admitir que não sabia qual a aldeia onde nascera a donzela de Orleães, deu ao professor a oportunidade de lhe assegurar que ainda havia de lhe criar muitas dificuldades ao longo da vida. Dito e feito: chegada a

---

(<sup>2</sup>) No original, aqui e nas ocorrências seguintes: *Unrat*. (N. T.)

(<sup>3</sup>) Alusão provável ao início da balada de Friedrich Schiller *O Refém* (1798-1799): «Contra Dionísio, o tirano, avançou furtivo / Dâmon, com o punhal escondido no manto, / Mas logo o agarraram os guardas./ Que ias fazer com o punhal? Fala! / diz-lhe sombriamente o feroz homem./ ‘Libertar a cidade do tirano!’/ Pois vais pagar caro por isso.» (N. T.)

Páscoa, esse aluno, um tal Kieselack, não passou de ano. Com ele ficaram, na classe dos repetentes, quase todos os que tinham gritado na noite do jubileu, incluindo von Ertzum. Lohmann não gritara, e mesmo assim chumbou. Ambos facilitaram a intenção de Unrat, um pela sua indolência, o outro pela sua fraca inteligência. No fim do Outono seguinte, certa manhã, pelas onze horas, durante o intervalo antes do exame sobre a *Donzela de Orleães*<sup>(4)</sup>, sucedeu que von Ertzum, que todavia não se familiarizara ainda com a Donzela e previa uma catástrofe, abriu a janela, num acesso de extremo desespero, e berrou à toa, com uma voz cruel, na direcção do nevoeiro:

— Lixo!

Não sabia se o professor estava por perto, e era-lhe indiferente. O pobre fidalgo rural, entroncado como era, fora simplesmente impelido pela necessidade de dar livre curso aos seus órgãos, por breves instantes, antes de ser obrigado a ficar sentado diante de uma folha em branco, que ali estava vazia, e a enchê-la de palavras saídas da sua cabeça, também ela vazia. Ora acontece que Unrat ia a atravessar o pátio nesse preciso momento. Quando o grito vindo da janela o atingiu, deu um salto desengonçado. No nevoeiro, ao alto, distinguiu a silhueta corpulenta de von Ertzum. Não estava nenhum aluno lá em baixo, von Ertzum não podia ter-se dirigido a mais ninguém. «Desta vez», pensou Unrat, exultante, «era mesmo de mim que ele estava a falar. Desta vez posso prová-lo!»

Galgou as escadas em três tempos, abriu bruscamente a porta da sala de aula, precipitou-se por entre os bancos, e, agarrando-se à sua mesa, saltou para o estrado. Ali ficou, a tremer, e teve de recuperar o fôlego. Os alunos do 10.º ano tinham-se levantado para lhe dizerem bom-dia, e, subitamente, aquele enorme ruído desvaneceu-se num silêncio que era literalmente ensurdecedor. Olhavam para o seu professor como quem olha para um animal perigoso, que, infelizmente, não se pode abater, e que, naquele instante, tinha mesmo conseguido uma penosa vantagem sobre

---

(4) Friedrich Schiller, *A Donzela de Orleães* (1801). (N. T.)

eles. O coração de Unrat batia com violência; por fim, disse, com a sua voz sepulcral:

— Acaba de me ser dirigida uma vez mais uma certa palavra, uma designação — enfim, um nome: é coisa que não estou disposto a tolerar. Nunca, lembrem-se bem disto, nunca irei tolerar estas injúrias vindas de pessoas da vossa laia, que lamentavelmente tive oportunidade de conhecer! Vou apanhar-vos, sempre que tal me for possível. A sua baixeza, von Ertzum, não só me causa aversão, como se vai partir que nem vidro, quando embater na dureza da decisão que lhe vou agora comunicar. Vou ainda hoje informar o Sr. Director desta sua afronta, e, no que depender de mim — diga-se em boa verdade —, tudo será feito para que esta instituição pelo menos se veja livre da pior escumalha da sociedade humana!

Nisto tirou o casaco dos ombros e gritou, zangado:

— Todos sentados!

A turma sentou-se; só von Ertzum ficou de pé. A sua cara gorda, pontilhada de sardas amarelas, estava agora tão vermelha como os cabelos espetados em cima dela. Quis dizer alguma coisa, começou por várias vezes, mas acabou por desistir. Por fim, lá lhe saiu:

— Não fui eu, senhor professor!

Várias vozes o apoiaram, dispostas a fazerem sacrifícios, e solidárias:

— Não foi ele!

Unrat bateu com os pés no chão:

— Silêncio!... E o senhor, von Ertzum, lembre-se que não é o primeiro da sua família cuja carreira — disso pode ter a certeza — prejudiquei substancialmente, e que, de futuro, mesmo que não o consiga impedir de fazer progressos, vou pelo menos dificultá-los ao máximo, como fiz noutros tempos com o seu tio. O senhor quer ser oficial, não é assim, von Ertzum? O seu tio também queria o mesmo. Mas, como nunca conseguiu ser aprovado na disciplina, e como — é bom que isso fique bem claro — nunca lhe chegaram a passar o diploma do secundário de que precisava para fazer o ano de voluntariado, puseram-no

numa chamada escola privada<sup>(5)</sup>, onde consta que também não se saiu muito melhor, até que, por fim, foi apenas graças a um especial acto de misericórdia do seu soberano que – do mal, o menos – conseguiu entrar na carreira de oficial, a qual, ao que parece, teve de interromper pouco depois uma vez mais. Ora bem! O destino do seu tio, von Ertzum, pode muito bem ser também o seu, ou pelo menos algo de muito parecido. No que a tal diz respeito, tenho a desejar-lhe boa sorte, von Ertzum. A minha opinião sobre a sua família, von Ertzum, não se alterou em nada desde há quinze anos... E agora...

Com isto, a voz de Unrat, como que saída de um subterrâneo, subiu de tom.

— O senhor não é digno de afiar a sua pena imbecil para escrever seja o que for sobre a sublime figura da Donzela, à qual vamos passar de seguida. Ponha-se a andar, já para a sala do castigo<sup>(6)</sup>!

Von Ertzum, que era de compreensão lenta, ainda estava à escuta. Por causa do esforço que fazia para se concentrar, imitava inconscientemente os movimentos que o professor fazia com os maxilares. O queixo de Unrat, no bordo superior do qual despontavam várias linhas amarelas, rolava como que sobre dois carris por entre as rígidas rugas da boca, à medida que ele ia falando, e os salpicos do seu cuspo chegavam à primeira fila de carteiras. Gritou:

— Como se atreve, seu fedelho!... Já daqui p'ra fora, é o que lhe digo, já para a sala do castigo!

Espantado, von Ertzum lá acabou por se levantar da carteira. Kieselack segredou-lhe ao ouvido:

— Então, pá, defende-te!

---

<sup>(5)</sup> No original, num sentido pejorativo: *Presse*, escola privada para onde iam os alunos que reprovavam na escola pública. (N. T.)

<sup>(6)</sup> No original: *Kabuff*, cubículo, pequena arrecadação, espaço fechado onde os alunos deixavam os casacos (usado mais à frente num sentido irónico). (N. T.)

Lohmann, atrás deles, disse em surdina:

— Deixa estar, já voltamos a amansar o bicho.

O condenado passou à frente da mesa do professor e entrou no cubículo que servia de vestiário da sala de aula, e onde estava escuro como breu. Unrat suspirou de alívio, assim que a porta se fechou atrás daquele rapagão.

— Agora vamos lá recuperar o tempo — disse — que este marmanjo nos roubou. Senhor Angst, aqui tem o tema, escreva-o no quadro.

O melhor aluno da turma pôs a folha à frente dos seus olhos míopes e começou lentamente a escrever. Todos olharam ansiosos para as letras que iam surgindo por baixo do giz, nas quais tanta coisa estava em jogo. Se saísse uma cena que por acaso nunca tivessem «preparado», então não faziam «a mínima ideia» e estavam «tramados». Por superstição, ainda antes de as sílabas no quadro fazerem algum sentido, alguém dizia:

— Oh meu Deus, estou feito.

Por fim, podia ler-se no quadro:

Joana: Foram três as tuas preces;  
Diz-me, Delfim, se devo dizer-te quais foram!  
(*A Donzela de Orleães*, Acto I, Cena X).  
Tema: A terceira prece do Delfim.

Ao lerem estas palavras, olharam todos uns para os outros. Porque estavam todos tramados. Unrat tinha-os «apanhado». Com um sorriso de esguelha, sentou-se na sua cadeira de braços, em cima do estrado, e pôs-se a folhear o seu caderno de apontamentos.

— E então? — perguntou ele, sem erguer os olhos, como se tudo estivesse claro —, alguém quer saber mais alguma coisa?... Nesse caso, podem começar!

Quase todos se debruçaram sobre os seus cadernos e fizeram de conta que estavam já a escrever. Alguns, estarecidos, fitavam o vazio.

— Ainda têm uma hora e um quarto — observou Unrat com um ar impassível, enquanto exultava no seu íntimo. Aquele

tema de redacção não fora ainda descoberto por nenhum dos outros professores incrivelmente inconscientes, que, ao usarem compêndios, permitiam àquela cambada proceder à análise de toda e qualquer cena dramática sem o mínimo esforço e com a ajuda de cábulas.

Muitos dos alunos lembravam-se da décima cena do Acto I, e sabiam mais ou menos as duas primeiras preces de Carlos. Mas da terceira já nada sabiam; era como se nunca a tivessem lido. O melhor aluno da turma, e ainda outros dois ou três, incluindo Lohmann, tinham mesmo a certeza de nunca a terem lido. A verdade é que a vidente repetira ao Delfim apenas duas das suas preces nocturnas; as duas bastaram para o levar a acreditar que Joana era uma enviada de Deus. A terceira simplesmente não existia. Mas, sendo assim, estava de certeza noutro trecho, ou era possível de algum modo deduzi-la do contexto; ou cumpria-se assim, sem mais, sem que fosse possível saber nesse passo que alguma coisa se havia cumprido? Angst, o melhor aluno da turma, estava pronto a admitir em silêncio que podia muito bem haver um ponto em que nunca havia reparado. Fosse como fosse, tinha de haver alguma coisa a dizer sobre aquela terceira prece, e até sobre uma quarta e uma quinta, se Unrat o tivesse exigido. Há anos que a redacção de alemão os ensinara a encher um certo número de páginas com frases vazias sobre assuntos de cuja existência estavam tudo menos convencidos, sobre o sentido do dever, a bênção que era a escola e o amor pelo serviço militar, por exemplo. O tema não lhes dizia nada; mas escreviam. A obra da qual provinha era para eles o maior dos suplícios, pois há meses que servia para os tramar; mas escreviam com brio.

Desde a Páscoa, há nove meses, que a turma se ocupava da *Donzela de Orleães*. Os repetentes até já a conheciam do ano anterior. Tinham-na lido de trás para a frente, aprendido de cor várias cenas, redigido comentários históricos, feito exercícios de poética e gramática sobre ela, transposto os seus versos em prosa e a prosa de novo em versos. Há muito que todos aqueles que na sua primeira leitura haviam sentido o encanto e o brilho

daqueles versos os viam como foscos. Já não se distinguia a mais pequena melodia naquela lengalenga desafinada que recomeçava dia após dia. Ninguém escutava a voz característica e pura da jovem, na qual se erguem espadas espectrais e severas, em que a armadura já não cobre o coração, e se dão a ver as asas de um anjo, amplamente abertas, luminosas e terríveis. Um dia mais tarde, algum destes jovens poderá estremecer com a inocência quase voluptuosa daquela pastora, amar o triunfo da fragilidade que havia nela, chorar pela grandeza ingénua que, abandonada pelo céu, se transformou numa pobre menina desamparadamente apaixonada, mas não será em breve que sentirá tudo isso. Talvez precise de vinte anos até que Joana possa ser de novo para ele algo mais do que uma pedante cheia de pó.

As penas iam rabiscando nos cadernos; o professor Unrat, sem outra ocupação, espreitava por cima dos pescoços inclinados. Era sempre um bom dia quando «apanhava» um dos alunos, especialmente quando se tratava de um dos que lhe tinham posto a sua alcunha. Só isso bastava para compensar o ano inteiro. Infelizmente, há dois anos que não conseguia «apanhar» nenhum dos pérfidos autores dos gritos. Tinham sido anos maus. Um ano era bom ou mau consoante Unrat chegasse a apanhar algum deles, ou não conseguisse provar nada contra eles.

Unrat, sabendo-se detestado, enganado e odiado nas suas costas pelos alunos, tratava-os por seu lado como inimigos fígadais, que era preciso apanhar, quantos mais melhor, e impedir que fossem aprovados na disciplina. Como passara toda a sua vida em escolas, nunca fora capaz de considerar os rapazes e as suas atitudes da perspectiva de uma pessoa madura. Via-os de tão perto como se fosse um deles a quem inesperadamente tivesse sido atribuída uma posição de poder e um lugar de professor. Falava e pensava na língua deles, usava o seu calão, chamava ao vestiário a «sala do castigo». Proferia os seus discursos no estilo que também eles teriam usado em tais situações, a saber, com fraseados latinizantes e intercalados com «diga-se em boa

verdade», «enfim, pois», e uma série de pequenas palavras disparatadas do mesmo tipo, hábitos que herdara das suas aulas sobre Homero do 12.º ano; pois era preciso traduzir de forma bem meticulosa e pesada todas as subtis prolixidades do grego. Ele próprio enrijecera os seus membros, e exigia o mesmo dos outros ocupantes da instituição. A necessidade constante dos membros jovens e das mentes jovens, como nas dos meninos e dos cachorrinhos – a necessidade que sentiam de andarem a correr uns atrás dos outros, de fazerem barulho, de se empurrarem, de se magoarem, de fazerem travessuras, de se libertarem de forma gratuita da coragem e da força que possuíam em excesso, sem tirarem partido delas: Unrat esquecera-se de tudo isso, e nunca chegara sequer a compreendê-lo. Quando castigava alguém, não o fazia com a superior reserva de quem diz: «são endiabrados, e é natural que assim seja, mas precisam de disciplina»; antes o fazia a sério e de dentes cerrados. O que acontecia na escola tinha para Unrat a mesma seriedade e realidade da vida. A indolência era o equivalente da corrupção moral de um cidadão inútil, a falta de atenção e o riso eram uma forma de resistência à autoridade do Estado, um estalinho era o princípio de uma revolução, e uma «tentativa de enganar» desonrava uma pessoa para todo o sempre. Confrontado com situações deste género, Unrat ficava branco como a cal. Sempre que mandava um deles para a sala do castigo, via-se a si mesmo como o caudilho que volta e meia mandava um bando de revoltosos para a colónia penal, e que, com medo e triunfo, sente ao mesmo tempo o seu mais pleno poder e uma inquietante agitação nas raízes do mesmo. E Unrat nunca esquecia aqueles que voltavam da «sala do castigo», e todos os outros que alguma vez o tivessem ofendido. Como trabalhava na instituição há um quarto de século, a cidade e os arredores estavam cheios dos seus antigos alunos, quer aqueles que tinha «apanhado» a chamar-lhe aquele nome, quer aqueles contra quem não conseguira «provar nada», e ainda hoje todos o chamavam assim! Para ele, a escola não acabava no muro do pátio; estendia-se às casas que a rodeavam e aos habitantes de todas as idades. Por toda a parte deambulavam

rapazes casmurros e abjectos que não tinham «preparado» a lição e que atacavam o professor. Um dos novos alunos, ainda sem noção do que se passava, que em casa ouvira os seus familiares mais velhos rir do Professor Unrat como de uma simpática e cômica recordação de juventude, e que agora, com a leva da Páscoa, se viera juntar à turma de Unrat, ouvia-o então rosnar, à primeira resposta errada:

— Já aqui tive três da sua cepa. Odeio sua família inteira!

Do seu lugar, acima de todas as cabeças, Unrat comprazia-se com a sua suposta segurança; enquanto isso, estava prestes a rebentar uma nova desgraça. Desta vez graças a Lohmann.

Lohmann escrevera a sua redacção em três tempos e entregara-se em seguida às suas leituras privadas. Mas não conseguia avançar, porque ficara incomodado com o caso do seu amigo von Ertzum. De certa forma, assumira o papel de protector moral do corpulento jovem aristocrata, e via como um mandamento da sua própria honra a tarefa de defender com a sua mente altamente evoluída as fracas faculdades intelectuais do amigo. Sempre que von Ertzum se preparava para dizer uma estupidez inimaginável, Lohmann tossia ruidosamente e soprava-lhe ao ouvido a resposta certa. Perante os colegas, justificava as respostas mais incríveis do outro dizendo que von Ertzum queria apenas «irritar e enfurecer» o professor.

Lohmann era um rapaz de cabelos negros, que se empinavam por cima da testa e caíam depois numa madeixa melancólica. Tinha a palidez de Lúcifer e uma mímica de muitos talentos. Escrevia poemas à maneira de Heine e amava uma senhora de trinta anos. Empenhado em adquirir uma formação literária, dava muito pouca atenção à escola. O corpo docente, que reparara que Lohmann só começava a esforçar-se no último trimestre, tinha-o já reprovado por duas vezes, embora os seus resultados no final fossem satisfatórios. E, assim, Lohmann, tal como o seu amigo, tinha dezassete anos e ainda estava numa turma com alunos de catorze e quinze anos. E se von Ertzum, graças à sua

constituição física, aparentava ter vinte anos, Lohmann parecia ainda mais velho, por ter sido favorecido pela inteligência.

Que impressão não devia causar a alguém como Lohmann aquele palhaço hirto sentado no lugar do professor; aquele simplório atormentado por uma ideia fixa? Sempre que Unrat o chamava, interrompia sem pressas as suas leituras, que nada tinham que ver com a aula, e, com a testa larga e pálida franzida pela surpresa, observava, baixando as pálpebras com desdém, a mesquinha obstinação daquele que o interrogava, a poeira sobre a pele do mestre-escola, a caspa na gola do casaco. Por fim, olhava de relance para as suas próprias unhas polidas. Unrat odiava Lohmann quase mais do que os outros, devido à sua inacessível insubordinação, e também porque Lohmann *não* o chamava pela sua alcunha; pois sentia obscuramente que isso era ainda pior. Mesmo com a melhor das vontades, Lohmann não conseguia responder senão com um ténue desprezo ao ódio daquele velho miserável. E não sem uma certa comiseração, com uma pitada de asco. Mas, com a ofensa sofrida por von Ertzum, a questão tornou-se pessoal para ele. Entre os trinta alunos, só ele sentira a descrição pública da vida do tio de von Ertzum por parte de Unrat como um gesto de baixeza. Não se podia permitir tal coisa àquele desgraçado ali em cima. E, assim, Lohmann tomou a sua decisão. Levantou-se, apoiou as mãos na borda da carteira, olhou o professor nos olhos, observando-o com curiosidade, como se estivesse prestes a tentar qualquer coisa de estranho, e exclamou, com um ar sereno e distinto:

— Aqui já não consigo trabalhar, senhor professor. Está aqui um cheiro horrível a lixo<sup>(7)</sup>!

Unrat deu um salto na cadeira, estendeu uma mão num esconjuro, e bateu a queixada em silêncio. Não estava preparado para aquilo — para mais quando acabara de ameaçar um daqueles canalhas com a expulsão. Será que devia então «apanhar» agora também este Lohmann? Nada lhe teria dado

---

(7) No original, aqui e nas ocorrências seguintes: *Unrat*. (N. T.)